

## EDITORIAL

Com prazer, informamos que temos um canal no Youtube: <https://www.youtube.com/channel/UCdGm3weuStn6ok1dcdp2xg>, no qual divulgamos as apresentações de todos os conferencistas convidados ao XI Congresso do Ceib, realizado na UFMG em outubro de 2019 e, aos poucos, estamos divulgando também as comunicações de todos os comunicadores presentes. Agradecemos a Marcelo da Rocha Ferreira, aluno do Curso de Conservação-Restauração de Bens Culturais da EBA/UFMG e também servidor da UFMG que, com grande competência e boa vontade, fez as respectivas filmagens.

Temos consciência dos graves problemas decorrentes do Covid-19, da importância da solidariedade e responsabilidade de todos neste momento de crise mundial. Desta forma, a cobrança de nossa anuidade aos associados do Centro de Estudos da Imaginária Brasileira (Ceib), será adiada. Assim que voltarmos à normalidade, entraremos em contato com os sócios.

No próximo outubro de 2020 teremos eleição para Diretoria do Ceib e, para isso, solicitamos aos interessados que formalizem suas candidaturas junto à secretaria do Ceib, encaminhando para nosso secretário, Agesilau Neiva Almada com seu nome e cargo pretendido. Conforme o estatuto do Ceib, poderão se candidatar sócios titulares em dia com a anuidade. Os cargos da diretoria são respectivamente: presidente, vice presidente, 2 secretários e 2 tesoureiros. Nosso e-mail para contato é: [ceibimaginaria@gmail.com](mailto:ceibimaginaria@gmail.com)

Agradecemos a todos que fizeram doação ao Ceib, por ocasião do lançamento do livro, *Escultura Devocional: reflexões sobre critérios de conservação-restauração*, de autoria da Profa. Maria Regina Emery Quites, publicado pela Editora São Jerônimo e financiado pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte - LMIC.

## A GLOBALIZAÇÃO DA CULTURA MATERIAL DOS JESUÍTAS E A DIFICULDADE DE MAPEAR IMAGENS EM MARFIM<sup>1</sup>

Isis Melo Molinari Antunes\*

### RESUMO

Este estudo apresenta a amplitude da circulação dos bens dos jesuítas, antes de sua expulsão do Brasil em 1759, em uma dimensão global. A fonte primária de consulta foi o *Inventarium maragnonense* – Inventário das Igrejas e Capelas dos Jesuítas no Estado do Maranhão e Grão-Pará no ano de 1760, onde constam algumas indicações de procedência de alguns bens materiais ali arrolados. Outras imagens, como a dos Crucificados em marfim, não possuíam indicação de procedência certa, portanto, são passíveis de investigações. Objetiva-se demonstrar que para a compreensão da biografia desses objetos é necessário um estudo de caso exaustivo, visto que, a circulação de bens dos jesuítas acompanha uma intrincada rede de relações entre as diversas Assistências e os seus pares espalhados pelas regiões onde havia instaurada uma missão.

### Palavras Chave:

Globalização da Cultura Material - Jesuítas - *Inventarium maragnonense*, Governo do Norte - Crucificado em marfim.

### INTRODUÇÃO

Com o interesse de estudar a globalização dos ornamentos, alfaías e imagens religiosas dos jesuítas, o *Inventarium maragnonense* – Inventário das Igrejas e Capelas dos Jesuítas no Estado do Maranhão e Grão-Pará no ano de 1760<sup>2</sup> foi o documento inicial, a fonte primária, para assegurar a presença desses objetos nos Estados do Governo do Norte, Maranhão e Grão-Pará. A partir desse documento, que está referenciado como *Inventário do Maranhão*, ou simplesmente *Inventário*, todos os bens foram identificados e listados, visto que estavam arrolados como bens móveis

deixados pelos jesuítas nos dois antigos Estados em decorrência da expulsão dos regulares do Brasil por determinação do Marquês de Pombal, em 1759. No âmbito desse Inventário, havia um número expressivo de imagens em marfim com a tipologia do Crucificado, além de outras, o que nos levou a pensar qual seriam as suas procedências.

O inventário em questão foi organizado pelos seus redatores<sup>3</sup> em duas partes. A primeira parte refere-se aos bens deixados pelos jesuítas no Pará, e a segunda, aos bens deixados por eles no Maranhão.

Na relação dos bens do *Inventário do Maranhão* e seus locais de procedência (Grão-Pará e Maranhão) é possível notar que os objetos pertencentes aos jesuítas vieram de diversas localidades:

#### GRÃO-PARÁ

##### *Igreja do colégio do Pará. Capella-mor*

- [...] hu[m]a boceta chata de prata de hostias, outra dita de xarão da Índia

##### *Igreja do Colégio do Pará - Capella de S[anto]Ch[rist]o*

- [...] 6 jarrinhas da Índia
- [...] Tem 3 camisotes finos vindas de França por encomenda: hu[m] vestido tunica, e capa de damasco cor de perola de ouro guarnecido todo com galhoens largos de ouro fino; outra coronilha, e palma da m[esm]a sorte q[ue] assim seos brincos, e cruz de brilhantes, e o mesmo tem a Imagem, q[ue] está no altar, como tãobem outro vestido de demasco roxo de ouro quarnecido de galhoens do mesmo pa[r]a a quaresma.

##### *Colégio do Pará*

- [...] 25 athe 30 duzias de peças de louça da Índia, e Veneza de varias grandezas.
- [...] Hu[m]a rouperiana q[ua] ficou m[ui]ta roupa de toalhas de meza, de guardanapos fino de Guimarens.
- [...] 15 chcaras da Índia g[ran]d[e], e pequenas com seus pratinhos

### *Inventário da Botica do colégio do Pará*

- [...] algu[m]as chicanas com seos pratos finos, e outras panelas, e tegellas de barro da terra, e do Reino

### *Inventário da Casa da Vila da Vêgia*

- [...] 15 chicanas da India g[ran]d[e]s, e pequenas com seus pratinhos
- [...] 12 pratos de Veneza g[ran]d[e]s; 24 d[it]os de Veneza pequenos;
- [ ]u(um,) milheiro de anzoos brancos de Portugal;
- [...] 3 Alvas das festas solemnes de cambraeta todas arrendadas; 2 d[it]as mais inferiores com bast[ant]e renda; 6 d[it]as de bertanha pa[r]a os Domingos, e mais festas;
- [...] 6 toalhas dos Altares de Bertanha;
- [...] 6 d[it]as do lavatorio, 4 de linho, 2 de Bretanha;
- [...] 2 toalhas de cambraeta pa[r]a o gomil nas festas solemnes hu[m]a d[it]a de Bertanha pa[r]a o vazo da co[m]munhão; 2 toalhas de algodão da India pa[r]a as grades da co[m]munhão
- [...] 2 caixas pa[r]a hostias, hu[m]a de metal pintada, outra nova de charão da India;

### *Fazenda de São Caetano*

- 4 Alvas de panno de linho, e Bretanha em bom uso.

## MARANHÃO

### *Colégio do Maranhão*

- [...] hu[m]a copa de louça da India q[ue] o Coll[egi]o tinha;

### *Igreja do Maranhão*

- [...] a S[enho]ra se achava vestida com hu[m]a camiza, e anogoa de esguião m[ui]to bem rendada e com hu[m] vestido comprido de seda lavrada com seos ramos e rendas de prata mando da mesma peça e hu[m]a touca de caça de França;

### *Capella do Coll[egi]o do Mar[anh]am*

- [...] q[ue] erão hu[m]a vestimenta de tella com seo frontal, e veo de calix, outra d[it]a de seda da china com seo frontal, e veo de calix; outra d[it]a branca, outra vermelha, outra roxa, outra verde; todas com seos frontaes, e veos de calix.

### *Fazenda de Amandijuhy*

- [...] 2 escravos, hu[m] criullo preto por nome Domitiano, e hu[m] muleque de Cacheu (capital da segunda região mais populosa da República da Guiné-Bissau. Foi fundada em 1588), por nome Thome, com o mais, q[ue] conduzia pa[r]a o uzo da gente.
- [...] 2 muleques de cacheu hu[m] por nome Luis, outro Bartholomeu.

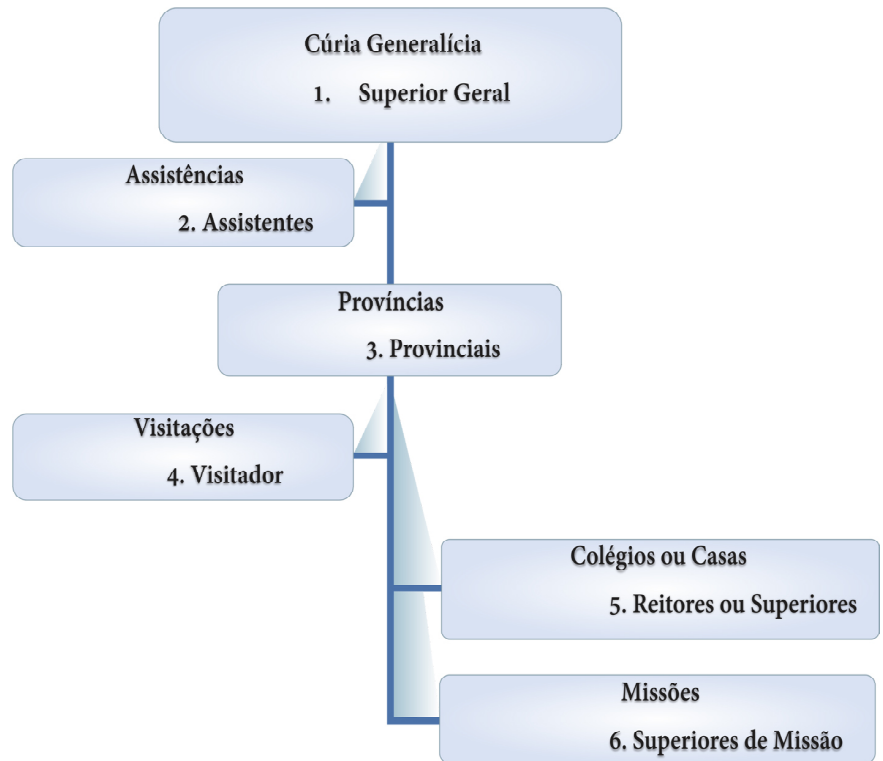


Figura 1 - Hierarquia administrativa da Companhia de Jesus (séculos XVI, XVII e XVIII). Fonte: Adaptado de SÁBEH, 2014, p. 309.

- [...] 3 curraes de carnyba, hu[m] preto de cacheu por nome Ignacio.

### *Fazenda de Anindyba*

- [...] hu[m]as chicanas da India, q[ue] servião de purificadorio

- [...] hu[m]a toalha de meza de Guimarens.

### *Seminário das Aldeias Altas*

- [...] [inh]a 3 alvas 2 de esguião, outra de Bretanha com rendas pa[r]a as festas: t[inh]a mais outra alva uzad[it]a de Bretanha e outra de algodão.

### *Casa da Madre de Deus da Fazenda de Nossa Senhora de Belém de Igaray*

- [...] 4 alvas, hu[m]a de linho, as outras de Bretanha

### *Engenho de São Bonifácio do Maracu*

- [...] e 6 guardanapos de Guimaraens

### *Casa de Nossa Senhora de Pillar Na Villa de Tapuytaperá*

- [...] Ficarão mais 6 alvas, 3 destas de esguião novas com 4 ordens de renda em roda; as outras 3 hu[m]a de caça fina em bom uzo com sua renda por bayxo; outra de Bretanha ja uzada com 3 ordens de renda, e outra de linho com sua renda por bayxo: 7 amitos de Bretanha 3 novos com sua renda os outros 4 jauzados.

- [...] Ficarão mais 2 toalhas de Bretanha com renda ainda em bom uzo do altar, *Fazenda de Peticuma pertencente à casa de Tapuytaperá*

- [...] hu[m]a sobrepeliz de Bratanha ja uzada

- [...] hu[m]a toalha de bretanha pa[r]a a co[m]munhão.

### *Casa dos exercícios e religiosa recreação de Nossa Senhora Madre de Deus*

- [...] 10 toalhas de altar; 5 por bayxo; ja uzadas, e 5 novas de Bertanha por sima. Nas paredes ficaraõ 6 paneis g[ran]des de Italia.

- [...] 8 Alvas novas de esguião rendadas, 4 d[el]as de Bertanha uzadas. 3 toalhas de altar de algodão ja bem uzadas. 2 sobrepelizes de Bertanha

- [...] 3 vestimentas bordadas, e vindas da China novas com seos frontaes, bolsas, e veos

- [...] 2 paineis gr[an]des de Italia
- [...] Ficou porem escond[id]a em caza de hu[m] nosso bem feitor hu[m]a escrivaninha com os titulos das terras, escravos, ordens de Roma, e mais papeis importantes.

- [...] 3 vestimentas com seos frontaes, bolsas, e veos da China:

- [...], Ordens de Roma.

### *Casa dos Exercios e Religiosa*

### *Recreação de Nossa Senhora Madre de Deus: da Fazenda Chamada de Nossa S[enho]ra da Conceição do Rio Moni*

• [...] 4 toalhas de altar de Bretanha, e 1<sup>a</sup> [uma] de algodão. hu[m]a alva de linho, outra de Bretanha, com bom uzo.

A globalização das mercadorias era evidente e corriqueira para os religiosos e justificável pela grande comunicação que havia entre os inacianos pelas missões espalhadas pelo mundo. De acordo com essa premissa, esses bens poderiam ter vindo das mais diversas regiões de onde a Ordem Religiosa teve o domínio espiritual e temporal.<sup>4</sup>

Para a compreensão da magnitude organizacional da Companhia de Jesus, bem como a sua abrangência global, que favorecia a circulação de mercadorias, a estrutura administrativa é uma chave de leitura importante. A organização era hierárquica e rigidamente seguida pelos regulares. O mais alto escalão eclesiástico era gerido por um governador geral, sediado na Igreja de *Gesù*, em Roma.

Com a ramificação mundial dos inacianos, motivados por vocação missionária, depreende-se que havia uma rede mundial de trânsito de informações, de diversas mercadorias e das imagens religiosas. O fluxograma (FIG.1) oferece uma visão dessa geografia política e o impacto da relação entres estruturas administrativas espalhadas pelos locais das missões.

Para o entendimento de cada função da hierarquia, Luiz Antonio Sabeh (2014, p. 309) organizou uma síntese desses poderes, utilizando como referencial teórico as síntese da *Companhia de Jesus* (LOYOLA, 2004) e os estudos de Serafim Leite (2004, t. 1, p. 2-7):

1) O Superior Geral da Companhia de Jesus residia em Roma, sede da Cúria Generalícia. Apesar de ter o governo da ordem, não era ele que legisla, e sim a Congregação Geral composta pelos Delegados das Províncias. Quando convocada, Congregação tinha o poder de criar normas complementares às *Constituições da Companhia de Jesus*.

2) Os Assistentes também viviam em Roma e eram apenas consultores do Superior Geral para os assuntos relativos às Assistências que representavam. Eles não tinham poder de administração sobre os Provinciais que compunham suas Assistências. Os Provinciais, nesse caso, deviam obediência direta ao Superior Geral.

3) Quando uma Província crescia e passava a governar muitas casas e colégios, ela era dividida em duas outras. No entanto, enquanto uma

nova Província tivesse recursos para sustentar-se, ela ficava na condição de Vice-província.

4) A Visitação ocorria conforme a necessidade das atividades de uma Província. [...] sua finalidade essencial era dirimir conflitos internos e criar regras que norteassem a ação dos missionários diante de situações não previstas pelas *Constituições da Companhia de Jesus*. Quando iniciada, ela tinha dois anos para terminar, mas o prazo podia ser estendido conforme a necessidade. O Visitador era nomeado pelo Geral da ordem e, por conta de seu cargo, ele tinha o poder de legislar. As regras por ele redigidas, depois de aprovadas pela cúria, viravam um Regimento complementar e específico à Província à qual era dirigida. Quando em atividade, o Visitador também assumia a chefia da Província em Visitação.

5) Uma Missão poderia ser uma simples expedição de reconhecimento territorial, mas ela tinha sempre um Superior de Missão. Se ela tivesse sucesso, logo os missionários construíam uma Casa, que teria um Superior indicado pelo Provincial ao qual a Missão estava subordinada. Se crescesse e tivesse condições de sustentar-se, a Casa era elevada a Colégio e seu Superior passava a ser um Reitor”.

A arquitetura administrativa, como se vê, é complexa. A recomendação da comunicação escrita desde os primórdios da fundação da ordem, em 1540, perpetua-se até os dias atuais como uma conduta corriqueira dos jesuítas, excetuando seu período de supressão de 1773 até 1814.

As cartas, as crônicas, os relatórios quadrienais, as anuais e os próprios inventários são testemunhos desse comportamento comunicacional escrito e são fontes de pesquisa para a verificação da circulação da cultura material. Multiplicando todas essas possibilidades de comunicação pelos locais onde as missões estiveram no período colonial, tem-se fontes primárias para infundáveis investigações.

Recordemos que a fundação da Companhia de Jesus nasceu junto à era das colonizações e do estabelecimento do Estado Moderno. A colonização do Brasil é, portanto, ladeada pela recém fundação da Ordem Inaciana (1540) e de seus

primeiros processos missionários pelo mundo.

Nesse período, os jesuítas estiveram em missões nas mais diversas partes do mundo, com estabelecimento de igrejas, colégios e seminários. As primeiras fundações jesuítas foram na Inglaterra e nas Províncias Unidas (sete províncias unidas dos Países Baixos), entre 1562 e 1573, notadamente os colégios Tounai (1562), Saint-Omer (1566), Donai (1568) e Amberes (1573). Na mesma região, entre 1593 e 1625, fundaram-se mais 27 estabelecimentos e quase todos eram colégios (SEBE, 1982, p. 40).

Nos outros continentes também se multiplicaram estabelecimentos jesuítas a partir das missões que se instituíam. Nas Américas: Brasil (1549), Peru (1567), México (1572), Equador (1568), Chile (1593), Paraguai (1685), Nova França (onde hoje ficam Ontário e Quebec) (1611); na Ásia: Índia (1543), Japão (1549), China (1582); na África: Congo (1542), Etiópia (1554) Marrocos (1548) e região onde é o atual Zimbabué (1561).

Todos esses lugares onde se instalaram as missões jesuítas, ao longo dos séculos XVI à XVIII, poderiam ter sido polos de disseminação das imagens religiosas para a aquisição de bens pelos regulares nos antigos Estados do Norte (Maranhão e Grão-Pará). Isso quer dizer que mapear e indicar a “procedência geográfica” pelo percurso da cultura material na história é uma tarefa muito intrincada com mais conjecturas do que certezas.

#### Marfim lavrado e “*in natura*”

Pelo levantamento realizado no Inventário do Maranhão, constatamos o elevado número imagens éboreas nas igrejas sedes, bem como presas inteiras ou em pedaços de marfim e um gral como se pode confirmar a seguir:

#### COLÉGIO DO PARÁ

##### *Em um dos 45 Cubículos*

• 2 dentes grandes de marfim

• 2 pedaços de unicórnio

##### *Botica do Colégio do Pará*

• 8 graes de pedra 5, e hu[m] de marfim.

##### *Igreja da casa de Vigia. Grão-Pará.*

##### *Altar-mor*

• 1 imagem de Santo Cristo de marfim de 1 ½ palmo<sup>6</sup>(c.33cm) com resplendor

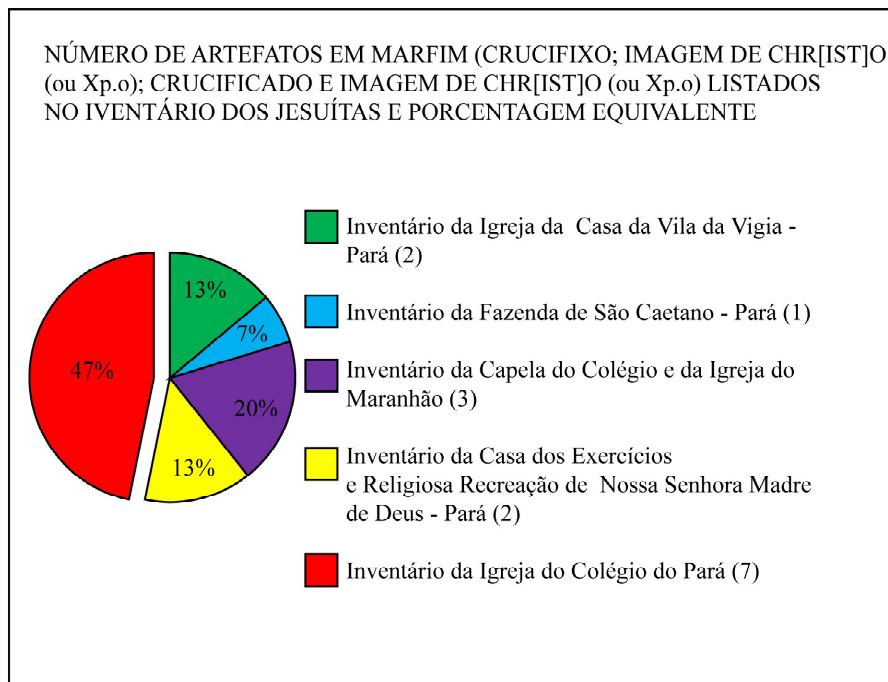


Figura 2 - Proporção por local encontrado de imagem de crucificado.  
Fonte: Elaborado por Isis de M. M. Antunes.

de prata; 1 dita pequena na mão de Santo Xavier.

#### **Igreja da fazenda de São Caetano – Grão-Pará. Altar**

- 1 Santo Cristo de Marfim

#### **Igreja do Colégio do Pará. Capela-mor**

- 1 crucifixo de marfim de 2 palmos (c.44 cm) com cruz coberta de tartaruga, com engastes de prata e recortadas com precisas relíquias e mais resplendor de prata.

#### **Capela de Nosso Pai Santo Inácio**

- 1 imagem de Cristo de marfim de 1 ½ palmo (c.33cm), com cruz e peanha.

#### **Capela da Santa Quitéria**

- 1 imagem de Cristo de marfim de 2 palmos (c.44 cm) com resplendor de prata, cruz e calvário.

#### **Capela de Santo Cristo**

- Ao pé do altar 1 imagem de Cristo de marfim de um palmo (c.22cm)

#### **Capela de Santo Alexandre, titular do Colégio**

- 1 imagem de Cristo de marfim de 1 ½ palmo (c.33 cm) com cruz, calvário e resplendor de prata.

#### **Capela de Nossa Senhora da Assunção**

- Na banquetta deste altar estão relíquias grandes inclusas em vidraças. No meio 4 imagens pequenas de São João Batista, de Santo Antônio, 2 de São Francisco Xavier, 2 das quais são de marfim.

#### **Capela de São Miguel**

- 1 imagem de Cristo de marfim de palmo com cruz coberta de tartaruga com esplendor e título de prata.

### COLÉGIO DO MARANHÃO

- Em poder de Manoel da Sylva Almojarife ficou 1 ou mais milheiros de ouro, 1 dente de marfim grandíssimo, e não sei se mais algum já partido.

#### **Capela**

- 1 imagem de marfim de Nossa Senhora pequena, 1 imagem pequena de Santo Inácio e 1 do São Xavier, 1 imagem de Nossa Senhora e 1 de São José, ambas pequenas com 1 imagem do Menino Jesus que compunham o presépio, um oratório mediano que encerrava 1 crucifixo de marfim e 1 Nossa Senhora do mesmo “preciosamente ornados”.

#### **Na igreja do Maranhão**

Capela-mor, no alta de São Braz

- 1 cruz de 3 palmos (c.66 cm) coberta de tartaruga guarnecidas de prata com 1 Santo Cristo de marfim com seu resplendo de prata.

#### **Altar de São Xavier**

- Se achava 1 imagem de Santo com uma estola de tela de ouro branca com 1 Santo Cristo de marfim na mão guarnecido todo de prata.

#### **Casa dos exercícios e religiosa recreação de Nossa Senhora Madre de Deus**

#### **Nos 2 altares colaterais**

- 2 imagens de Cristo crucificado, obra primorosa de marfim de mais de palmo (mais de 22 cm) em cruces grandes

forradas de tartaruga, com seus resplendores, remates e títulos de prata. Nos outros 2 altares outras 2 imagens de Cristo trabalhadas em pau de laranjeira para imitar o “martin”.

#### **Sacristia**

- 1 imagem de Cristo crucificado de marfim, a cruz e calvário de pau de ébano com resplendor de prata, tudo preço de 18 moedas.

No cômputo geral, no Governo do Estado do Norte, existiram 31 objetos em marfim pelo menos, entre imagens e peças inteiras (ou pedaços). Foram identificados 14 itens no Maranhão e 17 itens no Pará. Desses 31 itens, 15 são imagens de crucificados<sup>7</sup>, conforme está demonstrado no gráfico da Figura 2 que informa a porcentagem dessa tipologia relativa à localização nos ambientes das igrejas, capelas, casas e Fazendas do Maranhão e do Grão-Pará.

Nota-se, portanto, que há maior prevalência de crucificados em marfim nas duas igrejas situadas nas capitais administrativas dos Estados do Norte. Isso demonstra que essas igrejas centrais eram polos difusores de uma estética religiosa que tinha um apreço por objetos em marfim. Nas boticas o marfim “*in natura*” comprova que eram materiais orgânicos importantes para a formulação de medicamentos.

Sobre a origem dessas imagens, nem os que são encontrados “*in natura*”, nem os lavrados tem a indicação de procedência no referido Inventário, mas por estudo de caso dessa tipologia, constatamos que um crucifixo veio da Índia quando João Felipe Bettendorff, em estadia em Portugal, ganhou de um amigo padre, Francisco de Almeida, em 1688, que o doou à Igreja de Nossa Senhora da Luz (Maranhão) (FIG.3,4).

É possível, portanto, afirmar, neste estudo, que o crucificado em marfim, mencionado por Bettendorff, referenciado por Serafim Leite e descrito no inventário dos Jesuítas, é aquele que esteve localizado na Capela-mor da Igreja do Maranhão com três palmos de altura, em 1760. As presas inteiras e os pedaços podem ter vindo das mais diversas regiões do Continente Africano ou Asiático. Como havia rotas comerciais entre os antigos Estados do



Figura 3 - Crucifixo de marfim (149 x 60 x 23cm) – Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados do Maranhão pelo Iphan (1998). Fonte: Ficha catalográfica do Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados do Iphan– 3ª Superintendência Regional – MA/PI, sob tombamento N° MA/97 – 0012.0245.

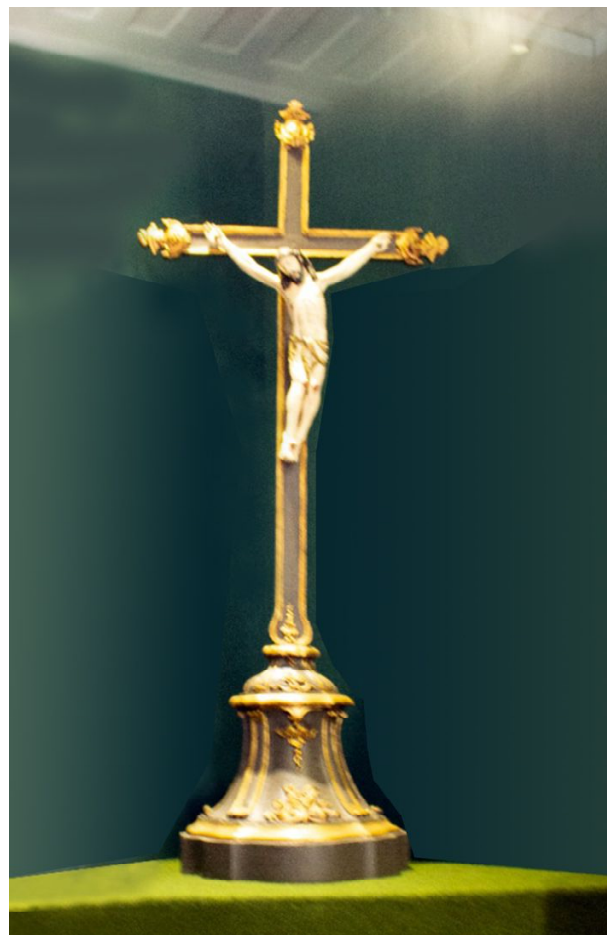


Figura 4 - Crucifixo de marfim (149 x 60 x 23cm). Fonte: Isis M. M. Antunes (2017). Museu de Arte Sacra, localizado no antigo Colégio dos Jesuítas, São Luís, Maranhão, Av. Pedro II, 258, Centro, São Luís-MA

Norte e a Alta Guiné, presumimos que os marfins brutos tenham vindo de Cacheu, por ser esta região, local de aporte desse material.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo desses objetos, constantes do *Inventário*, mesmo que ausentes, afirmam as escolhas de um tempo colonial e demonstram quais as influências externas afetaram o gosto de uma povoação que se iniciava ao redor dessa conjuntura. No caso dos bens dos jesuítas há uma grande circulação de bens, principalmente pelo fato da vocação da Ordem ser missionária. Havia uma tendência, relacionada ao gosto, de trazer de fora objetos para a ornamentação das igrejas num ensejo de reproduzir um ambiente similar aos das igrejas de Roma, Portugal ou de outros países em que a Companhia tivesse autoridade.

Foi possível observar que da Índia vieram caixinhas com verniz de charão

para hóstia, jarrinhas, louças, xícaras, toalhas de algodão e “copa” de louça. Da França, camisotes e touca de caça. De Veneza, louça e pratos. De Guimarães, toalha de mesa e guardanapos. Do Reino (Portugal), xícaras, pratos finos, painéis, tigelas de barro e anzóis brancos. Na China, vestimenta de seda, vestimenta bordada e vestimenta com seus frontais, bolsas e véus. De Cacheu, pessoas escravizadas que no contexto do Inventário eram qualificados como bens. Da Itália, painéis de parede e painéis grandes. De Roma, ordens escritas. Da Bretanha, bretanhas “que eram lençarias de linho, que se trazia da Bretanha, segundo Silva (1789, p. 197,v.1).

Mas, para além da globalização evidente, no *Inventário* há também a afirmação de uma cultura nativa, que resistiu as aculturações de nações estrangeiras quando mencionam a imitação do marfim pelo pau de laranjeira e as incrustações com casco de tartaruga. Portanto há um fenômeno

cultural múltiplo que permite vários caminhos aptos a serem trilhados.

### NOTAS

1. Este estudo é decorrente da Tese: “Marfim, *In natura* e lavrado, no *Inventarium Maragnonense* (1760), com ênfase no Cristo Crucificado”, apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais de Isis de Melo Molinari Antunes, com orientação da Profª. Drª. Maria Regina Emery Quites, 2020.

<sup>2</sup> O *Inventarium Maragnonense – Inventário das Igrejas e Capelas dos Jesuítas no Estado do Maranhão e Grão-Pará no ano de 1760* localiza-se no *Archivum Romano Societatis IESU (ARSI, BRASILIAE 28)* – (copiado pelo Padre Manuel Luiz S.J.). Foi transcrito pela primeira vez pelo Prof. Dr. Luiz Fernando Rodrigues S.J. (Roma, 2006) em sua tese de doutorado. Consultei o referido documento a partir da tese de Renata Maria Almeida Martins (2009).

<sup>3</sup> “Manuel Luiz era pregador e missionário. Em 1766 estava em Roma e trabalhava no Palácio de Sora, na sala reservada aos antigos missionários da Vice-Província do Maranhão, chamada ‘Sala do Grão-Pará’. Escreveu no fim

de seu relatório inventário: “Tudo copia-do fielmente, Roma Pallacio de Sora 17 de março de 1767, pelo Pe. Manoel Luiz” (GOVONI, 2009, p. 7). “Caetano Xavier, fora Missionário e Administrador, Procurador das Missões, Reitor do Colégio do Pará e Superior da Casa de Vigia. No fim de sua relação-inventário, escreveu ‘Feito em Roma aos 25 de março de 1767, Caetano Xavier’” (GOVONI, 2009, p. 7).

<sup>4</sup> Quando se aponta o domínio espiritual e temporal, quer se dizer que havia o controle pela catequização e pelas questões administrativas das terras em que houvesse missões.

<sup>5</sup> Para Silva (1789, p.666,v.1): “Palmo, s.m. medida, que he a extensão desde a ponta do dedo mínimo, até a do polegar, aberta a chave da mão. § \_\_\_ geom. Igual á largura de 4 dedos, ou á extensão de 16 grão de trigo em fileira”. Para Simonsen (1977, p. 585), um palmo equivale a 0,22m.

<sup>6</sup> Para Silva (1789, p.151, v2): “Gral, s.m. instrumento como vaso fundo de mármore, ou marfim no qual se pisam e trituram medicamentos”.

<sup>7</sup> Para a designar “cruccificado”, notamos que no *Inventário dos Jesuítas* havia diferentes denominações, as quais mantivemos.

## REFERÊNCIAS

ARCHIVUM ROMANO SOCIetatis Iesu (ARSI, BRASILIAE 28) FONDO BRASILIAE 28. Maragnonensis. **Inventário do Maranhão**. Coll. 1760-1768. [apographa docum. Temp. Expulsionis].

ARSI, BRASILIAE 28 – *Inventariuim Maragnonense – Inventário das Igrejas e Capelas dos Jesuítas no Estado do Grão-Pará no ano de 1760* (copiado pelo Padre Manuel Luiz S.J) – Transcrito pela primeira vez pelo Prof. Dr. Luiz Fernando Rodrigues S.J. (Roma, 2016).

SILVA, Antônio Morais et al. **Dicionário da língua portuguesa** composto pelo padre D. Rafael Bluteaum reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro (volume 1 e 2), Lisboa: na officina de Simão Thadeu Ferreira, 1789.

SABEH, Luiz Antonio. **Semeando um novo mundo**: a Companhia de Jesus e a administração Habsburgo no Brasil. 2014. Tese (Doutorado em Espaço e Sociabilidades) – Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

LOYOLA, Inácio de. **Constituições da Companhia de Jesus e normas complementares**. São Paulo: Loyola, 2004.

LEITE, S. S.J. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Tomo I. Livro I. Reedição da primeira edição de 1938. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

SEBE, José Carlos. **Os jesuítas**. São Paulo. Brasiliense, 1982.

**\*Isis de Melo Molinari Antunes** (1966). Licenciada em Educação Artística (Faculdade de Belas Artes de São Paulo). Bacharela em Design de Produtos (Instituto de Estudos Superiores da Amazônia, Pará), Especialista em Semiótica e Artes Visuais (Universidade Federal do Pará). Mestre em Artes (Universidade Federal do Pará). Doutora em Artes (Universidade Federal de Minas Gerais). Atualmente é Professora lotada no Instituto de Ciências da Arte (Universidade Federal do Pará).



Mara em 1996, no Congresso da Associação Brasileira de Conservadores e Restauradores (Abracor) Ouro Preto. Foto: Beatriz Coelho.

Com grande tristeza, comunicamos o falecimento de nossa companheira, conservadora-restauradora, **MARA SOLANGE FANTINI**, ocorrido em Ribeirão Preto, sua terra natal, no dia 21 de março passado. Mara era especialista pelo Centro de Conservação e Restauração (Cecor) da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) tendo pertencido à turma de 1988/1990. Atuou ativamente, nestes 30 anos, na preservação do patrimônio cultural brasileiro, principalmente de Minas Gerais. Prestamos nossa homenagem a ela, com muito carinho.

## CHAMADA PARA ARTIGOS

O próximo Boletim do Ceib, número 76, será publicado em julho de 2020. Desta forma, estamos recebendo artigos de nossos associados, colaboradores e pesquisadores, sócios ou não.

O convite se estende, de forma especial, a todos os conferencistas convidados, brasileiros e de outros países, que já participaram de nossos congressos.

Lembramos que os temas se aplicam às seguintes linhas de pesquisa que abordem as esculturas devocionais: história; iconografia e iconologia; aspectos sociais (utilização das imagens nos cultos religiosos oficiais ou domésticos); aspectos formais e estilísticos (artistas individuais, oficinas e escolas regionais); autorias e atribuições; materiais e técnicas; conservação-restauração. Os artigos devem ser encaminhados até 30 de junho à secretaria do Ceib, aos cuidados de Agésilau Neiva Almada, pelo e-mail: ceibimaginaria@gmail.com

Os artigos devem ser escritos em Word, fonte Times New Roman, tamanho 12, ter entre 2.500 a 3.500 palavras, e oito fotos, com resolução de 300 DPIs. O artigo deve ser enviado sem fotos ou legendas, que devem ser encaminhadas separadamente.

## NOTA DE FALECIMENTO

### BOLETIM ISSN:1806-2237

**CEIB:** Presidente de Honra: Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira; Presidente: Maria Regina Emery Quites; Vice-Presidente: Beatriz Ramos de Vasconcelos Coelho; 1º Secretário: Agésilau Neiva Almada; 2º Secretário: Fábio Mendes Zaratini; 1ª Tesoureira: Daniela Cristina Ayala Lacerda; 2ª Tesoureira: Carolina Maria Proença Nardi.

**Endereço:** Avenida Antônio Carlos, 6627; 31.270-091, Belo Horizonte, MG. Site: www.ceib.org.br. E-mail: ceibimaginaria@gmail.com

**BOLETIM** Projeto gráfico, arte e editoração: Helena David (*In memoriam*) e Beatriz Coelho; Revisão: Agésilau Neiva Almada, Daniela Cristina Ayala Lacerda, Fábio Zaratini e Maria Regina Emery Quites Tiragem 300 exemplares; Periodicidade: quadrimestral.

*Os artigos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a opinião do **BOLETIM DO CEIB**.*

*É permitida a reprodução de fotos ou textos desde que citada a fonte.*